



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de inauguração da unidade industrial da Braskem

Paulínia-SP, 25 de abril de 2008

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, eu não nomeie país porque é uma briga comercial mundial, é uma briga tecnológica. Eu acho que o Brasil precisa compreender o seguinte: na medida em que o Brasil ganha importância internacional, na medida que nós somos mais competitivos em várias coisas e na medida em que a gente cria uma matriz energética na área de combustível, que resolve os problemas que todo mundo quer que se resolva, que não seja emissor de CO2 e, ao mesmo tempo, que na hora do plantio seja seqüestrador de CO2. Um combustível que gera empregos, um combustível que ocupa uma pequena parte do território agriculturável do Brasil. O que nós queremos é que o mundo tenha compreensão que para o cumprimento do Protocolo de Quioto só tem uma solução: é produzir etanol ou comprar do Brasil e, de preferência, produzir de cana-de-açúcar.

Eu fico muito irritado quando eu vejo mentiras, quando eu vejo as pessoas deixarem de fazer o debate sério e ficarem contando mentiras. Ora, as pessoas precisariam compreender algumas coisas. Primeiro, eu me sinto extremamente feliz quando eu vejo que o povo está comendo mais. E se tem milhões de chineses comendo mais, milhões de indianos comendo mais, milhões de latinos-americanos comendo mais, milhões de africanos comendo mais e muito mais brasileiros comendo mais, ora, o problema é que nós temos que produzir mais alimentos. Por quê? Porque na hora que você tem uma demanda muito grande e a oferta é pequena, aumenta o preço dos produtos ou



faltam produtos. Na hora que a demanda é pequena e a oferta é muito grande, caem os preços dos produtos. É nós queremos apenas o equilíbrio disso, o reconhecimento de que o Brasil tem 33 anos de conhecimentos de produção do álcool à base da cana-de-açúcar. O Brasil tem o flex-fuel, que é um carro de sucesso no mercado interno que, se eu pudesse, eu dava um de presente para cada presidente da república ou primeiro-ministro. E se a gente quiser ver os efeitos do etanol, é só olhar para o estado de São Paulo. A gente vai ver a quantidade de usinas que se implantam aqui, a gente vai ver a qualidade de vida do povo do interior de São Paulo. Então, é importante...

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, eu não sei se vai aumentar a gasolina. Por enquanto, eu não recebi nenhuma informação e se receber essa informação, essa discussão tem que passar pelo governo. Eu acho que nós temos que reconhecer apenas que o petróleo custava 30 dólares o barril, está custando 120. A última vez que aumentou a gasolina foi em 2005, portanto, nós temos uma defasagem. Agora, ao mesmo tempo, nós temos que olhar qualquer aumento de qualquer coisa na área de combustíveis, qual a implicação que vai ter na inflação para que a gente possa tomar qualquer medida.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, eu não sei. Eu não quero fazer insinuação porque senão você vai dizer que o Presidente disse tal coisa. Então, eu prefiro dizer que, primeiro, eu preciso estudar. Agora é a vez de o Serra falar.

Jornalista: (inaudível)



Presidente: Olha, não há nenhuma razão para brigar com o Paraguai.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não há nenhuma razão. O Brasil tem que compreender o seguinte: nós somos o país mais industrializado, nós somos o detentor da melhor tecnologia, nós somos um país de maior população, nós somos um país mais rico. Portanto, é normal que os países menores do continente fiquem, às vezes, olhando o Brasil como se fosse uma superpotência. Eu trabalho com a idéia de que o Brasil não precisa ter política de generosidade. O Brasil tem que ter a preocupação de que está nas nossas costas a responsabilidade de contribuir para que esses países possam se transformar em países mais produtivos, mais industrializados para melhorar a vida do povo desses países.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não me pergunte sobre eleição, não, querido. Eleição é com o Serra.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, eu achei que era alguém contra o etanol que estava aí já tentando nos atacar. Pronto, gente?

Jornalista: (inaudível)

Governador José Serra: Eu não vou falar, aqui, de eleição.

Jornalista: Por quê?



Governador José Serra: Porque eu vim para outra coisa, acaba tirando o (inaudível) das questões mais importantes.

Jornalista: (inaudível)

Governador José Serra: Eu não vou falar de eleição, não.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, isso é um problema do PT, não é um problema do governo.

Jornalista: (inaudível)

Governador José Serra: Mas o que... Uma questão que precisa ficar clara é que nós estamos associados nesta batalha em função do etanol. O argumento de que o etanol causa inflação mundial é absurdo. Até porque, os Estados Unidos têm uma tarifa protecionista em relação ao nosso etanol de 50% e produzem, como disse o presidente Lula, o etanol a partir do milho que é muito ineficiente, que é uma produtividade três vezes menor do que o da cana-de-açúcar. Portanto, isso realmente encareceu o milho. Mas nos Estados Unidos, no México, o comércio internacional, mas isso não tem nada a ver com o etanol da cana-de-açúcar do Brasil. E mais ainda: nós estamos empenhados, é muito importante se ter presente, a própria Braskem está planejando um investimento de produzir plásticos a partir do etanol e estão investindo também em usinas para produzir etanol para com isso fazer a (inaudível) que é o que nós estamos empenhados, em São Paulo, neste momento: desenvolver a (inaudível) que é um combustível renovável, é um combustível, do ponto de vista ambiental muito melhor. O Brasil tem caminhos de produzir mais etanol sem comprometer



sua produção de alimentos, de todo modo, não há riscos nesse sentido, e eu acho que é uma batalha que nós temos que dar. É uma ironia considerar que a inflação mundial, agora, se deve ao etanol, em circunstâncias que, tanto a Europa como os Estados Unidos estão fechados à importação do etanol brasileiro que é bastante barato.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, (inaudível) fiquei preocupado.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, não tem nada a ver com o papel que ele tinha no Conselho. A impressão que se tem é que o cidadão cometeu isso, o deslize, não porque era conselheiro. Quando a pessoa quer cometer um delito ou quer praticar mau caratismo, as pessoas se aproveitam de qualquer oportunidade. Graças a Deus, depois de um ano e meio de investigação, a Polícia Federal pega 40 pessoas e todas as pessoas que foram pegas serão punidas de acordo com a lei. Está bom, gente?

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa: nós tomamos uma decisão de ser cautelosos na exportação do arroz, porque o Brasil tem um pouco mais de 1 milhão de toneladas de reservas. Nós, então, não podemos exportar antes de ver a safra nova aparecer, porque nós não queremos correr o risco de faltar o alimento no Brasil. Nós vamos continuar exportando. Há um problema de crescimento de consumo. O feijão, por exemplo, nós tivemos uma crise, em Irecê, o Paraná diminui a produção em 29%, na safra passada. E nós achamos



que, como o feijão é uma planta que dá em três meses, você planta e colhe, nós estamos tranquilos que é uma coisa muito passageira. Nós estamos preocupados com o trigo da Argentina. A Argentina está com um problema e tenta resolver o problema do trigo criando um certo imposto. Nós vamos ter que importar trigo de outro local e vamos ter que produzir para um dia sermos auto-suficientes na produção de trigo.

(\$31EGJLP)